

Dez anos sem José Guilherme Merquior

Mesa-redonda realizada na
Academia Brasileira de Letras
no dia 4 de outubro de 2001

Participantes: Acadêmicos Eduardo
Portella e Sergio Paulo Rouanet,
Prof. Antonio Gomes Penna,
Editor José Mario Pereira
e Prof. Leandro Konder

R. M. Pereira

As imagens aqui inseridas
foram gentilmente cedidas
pelo editor José Mario Pereira.

ACADÊMICO EDUARDO PORTELLA

Senhor Presidente Tarcísio Padilha, senhores Acadêmicos, Senhoras e Senhores.

A Academia agiu acertadamente ao convocar este encontro em torno da figura de José Guilherme Merquior. É um companheiro que partiu prematuramente e apesar disso deixou uma obra importantíssima. Fico muito feliz de aqui estar, com Leandro Konder no mesmo debate. Leandro e José Guilherme formam um caso emblemático de fraternidade intelectual, para além de eventuais divergências doutrinárias. A cultura brasileira não está muito habituada a essas manifestações de civilização no convívio intelectual. Eles dois se admiraram sempre, a vida toda se respeitaram, discutiram dentro daquele clima em que a divergência intelectual é muito mais útil do que a convergência, na medida em que enriquece o debate e oferece novas possibilidades de compreensão. Eu que sempre admirei Leandro Konder, mesmo que também às vezes me colocasse na outra margem do rio reflexivo ou crítico, fico muito contente de reencontrá-lo.

Professor
catedrático e
professor
emérito da
Faculdade de
Letras da UFRJ;
ensaísta e crítico
literário;
Presidente da
Fundação
Biblioteca
Nacional.

A mesa não poderia deixar de ter o Professor Antonio Gomes Penna, quase um pai de José Guilherme Merquior, senão um pai espiritual, este com certeza, porque José Guilherme tinha um apreço excepcional – e eu pude ver de perto o tamanho desse apreço. Sergio Paulo Rouanet, outro também que teve debates civilizados com José Guilherme Merquior e que sempre questionou, em registros diversos, o destino da modernidade no Ocidente, no Brasil especificamente, e ele que é hoje um dos grandes pensadores brasileiros.

Também não poderia faltar a presença do editor José Mario Pereira, que é uma espécie de depositário da memória de José Guilherme Merquior, uma espécie de banco de dados de José Guilherme Merquior, de maneira que toda vez que preciso de uma informação mais precisa sobre o Merquior, eu recorro a ele. A mesa esta evidentemente presidida por Tarcísio Padilha que, como filósofo, é capaz de transitar por esses diferentes territórios sem nenhum problema específico, sem nenhuma dificuldade.



Devo dizer que pude ver o nascimento intelectual de José Guilherme nos idos de um *Jornal do Brasil* extremamente brilhante. Ele já era alguém precocemente bem aparelhado, perceptivo. Hoje se diria esperto, antenado – provavelmente Arnaldo Niskier preferiria estes dois adjetivos, mais do mundo da comunicação. A partir daí ele foi construindo uma obra crítica de importância exemplar.

O seu itinerário é múltiplo e aberto. Começou talvez pela Estilística, no esforço de compreender o fenômeno literário a partir da sua razão interna. Em seguida, poucos sabem que ele teve um pequeno período lukacsiano, quando escreveu, na revista de Afrânio Coutinho, *Cadernos Brasileiros*, um artigo intitulado “Contradições da vanguarda”, que é um artigo lukacsiano. Eu sempre insistia com ele para

que ele viesse a reunir em livro esse artigo, que considero exemplar. Depois José Guilherme passou por Frankfurt. Graças a Frankfurt, ele escreveu um belo livro, que se chama *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*, que foi editado pela editora Tempo Brasileiro. É um livro do qual progressivamente José Guilherme foi se afastando, porque havia nele um sotaque heideggeriano que o foi incomodando cada dia mais. Então, surpreendentemente, não foi Marx que retirou José Guilherme de Frankfurt, foi Heidegger.

Em seguida José Guilherme se dirige a Paris. Encontra Paris sob a égide do Estruturalismo. Escreve uma tese intitulada *A estética de Lévi-Strauss*, livro também publicado pela Tempo Brasileiro. Ele era, dentro do Estruturalismo, uma figura independente, como sempre foi, e insubordinada. Ele ficava com Lévi-Strauss e não com o Estruturalismo, e menos ainda com Foucault, sobre quem ele escreveu um livro que teve êxito internacional, intitulado *Foucault: o niilismo de cátedra*.

Esse itinerário aberto, diversificado, múltiplo não poderia deixar de passar por Londres. Ali ele estabeleceu um diálogo, e provavelmente um pacto, com o racionalismo popperiano, evidentemente rebatizado por Gellner e por Dahrendorf. Dessa época, de predominância do racionalismo, há também um livro que é uma visão bastante crítica do pessimismo frankfurtiano, que se intitula *O elixir do Apocalipse*.

Se eu tivesse que resumir esse percurso de José Guilherme Merquior, escolheria um sintagma que diria “o argumento astucioso”. A palavra “astúcia” aparece no seu segundo livro, *A astúcia da mímesis*. Ele faz uma releitura da mimesis – prefiro pronunciar à maneira grega, para evitar a compreensão que a retórica do Ocidente foi progressivamente institucionalizando da figura que aparece remotamente na *Poética* de Aristóteles e que não era exatamente uma reprodução mecânica da realidade, não era uma fotografia, não era um retrato com ou sem retoques da realidade, mas era fundamentalmente deixar a

realidade ser em todo o seu dinamismo, ou seja, compreender a realidade na sua movimentação de homens e coisas, a realidade como um encontro e como um mal-entendido.

Era esse o José Guilherme da *Astúcia da mimese*, que sucede a *Razão do poema*, que já era livro de um escritor maduro, de um ensaísta com uma compreensão crítica fora do normal, porque já aí – enquanto a crítica brasileira experimentava uma espécie de nostalgia impressionista – ele procurava introduzir taxas de racionalidade na compreensão do fenômeno poético. A mimesis é, portanto, uma palavra-chave. A outra é a palavra “argumento”, uma palavra final da obra de Merquior e aparece explicitamente em um livro que se intitula *O argumento liberal*. Com essa mimesis relida, José Guilherme nos ofereceu interpretações emblemáticas insuperáveis, inicialmente de Gonçalves Dias, com uma leitura precoce, atilada, criativa, da “Canção do exílio”. Depois, de Machado de Assis, no volume da pequena história da literatura brasileira, que ele veio a publicar, *De Euclides a Machado*, que a Editora Topbooks reeditou recentemente. É um livro referencial. Acho difícil se percorrer a literatura brasileira sem recorrer a esse livro. Também José Guilherme interpreta os românticos e os seus fantasmas. Escreveu um livro muito bonito, intitulado *O fantasma romântico*, editado pela Vozes, que é um esforço de compreensão crítica do Romantismo, para além dos clichês que foram sendo institucionalizados pela crítica oficial.

José Guilherme vai avançando, chega ao Modernismo, identifica as derrapagens do Modernismo. A primeira geração modernista, a de 22, a de 30, que ele poupa criticamente, e a de 45, que ele não poupa, tanto que ele a chama de “degeneração de 45”. Assim ele vai progressivamente avançando e deixa sua compreensão ampla da arte moderna em um livro chamado *Formalismo e tradição moderna*. Os poetas que já não seriam apenas modernistas, mas seriam modernos, no sentido de que a modernidade é mais do que o Modernismo, são

Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, João Cabral de Melo Neto. Sobre Drummond ele escreveu uma tese, chamada *Verso e universo em Drummond*. Sobre Cabral, ele lançou o conceito de “o clássico moderno” – de alguém que, sendo moderno, retomava algumas linhas de força de um período que não foi apenas antigo, mas perene.

Com essas linhas de compreensão, José Guilherme nos ofereceu uma leitura modelar da literatura brasileira. Não acredito que se possa reler a literatura brasileira e a modernidade sem recorrer aos textos, extremamente atuais, de José Guilherme Merquior. *O argumento liberal* e os livros que formam a constelação desse livro se desenvolvem sob os auspícios do que eu chamo “a razão unânime”, mas em qualquer hipótese, no caso dele, astuciosa.

Antes de concluir este rápido esboço, quero lembrar uma frase de José Guilherme, justamente na Introdução a *A astúcia da mímesis*: “O autor compõe. O público interpõe. O crítico decompõe. Mas a obra dispõe.” Eu diria que a obra dispôs que José Guilherme Merquior fosse um dos maiores ensaístas da história da nossa cultura.



José Guilherme Merquior
com o ensaísta mexicano
Octavio Paz em 7.9.1989.

JOSÉ MARIO PEREIRA

Começo por agradecer ao Presidente da Academia Brasileira de Letras, Prof. Tarcísio Padilha, o amável convite para participar deste encontro que homenageia o ensaísta, crítico literário, diplomata, meu amigo José Guilherme Merquior, na passagem dos dez anos de sua morte.

Nesta mesa, apenas eu não conheci Merquior desde que ele se iniciou nas letras. Antonio Gomes Penna foi seu professor e amigo da vida inteira (na Apresentação de *O véu e a máscara – Ensaaios sobre cultura e ideologia*, Merquior recorda que foi iniciado por ele em ciências humanas, “de modo não-dogmático e intelectualmente instigante”). O Prof. Eduardo Portella editou três livros de Merquior, afora inumeráveis ensaios que fez publicar em sua revista *Tempo Brasileiro*; Leandro Konder conheceu-o no MAM, ainda nos anos 60, apresentou-o à obra de Lukács e assinou as orelhas de *A razão do poema*, o primeiro livro de Merquior; e o coordenador desta mesa, o ensaísta e embaixador Sergio Paulo Rouanet, fez junto com ele nos anos 70, em Paris, a primeira entrevista brasileira com Foucault (em *O homem e o dis-*

José Mario Pereira é editor e jornalista, responsável pela reedição das obras já publicadas de Merquior e pela preparação de material inédito para futura publicação.

curso – *A arqueologia de Michel Foucault*, Tempo Brasileiro, págs. 17-42, 1971) – tão substantiva que a editora foi convidada a incorporá-la num dos quatro volumes que a Gallimard há pouco publicou com os dispersos do filósofo de *As palavras e as coisas* – além de ter, como colega no Itamaraty, sofrido as mesmas investigações (por suspeita de esquerdismo) de que Merquior foi objeto, como lembra Marcílio Marques Moreira no depoimento que acaba de publicar (*Diplomacia, política e finanças – De JK a Collor*, Objetiva, 2001). Ou seja, meus companheiros nesta mesa são pesos pesados. O que me resta dizer, ao lado de tão ilustres representantes da cultura brasileira, sobre José Guilherme Merquior? Tentarei esboçar uma rápida síntese do percurso intelectual do ex-ocupante da Cadeira 36 desta Casa, onde tomou posse a II de março de 1983, sucedendo a Paulo Carneiro. Comprometo-me, pelo menos, a ser breve.



Passados dez anos da morte de José Guilherme Merquior é sintomática a ausência de estudos monográficos, já não digo sobre a totalidade mas sobre aspectos específicos de sua obra. Merquior tem sido objeto – salvo raras exceções – de leituras apressadas, em geral tendenciosas, e que procuram ligá-lo ao que se convencionou chamar a “direita” brasileira. (Lembro, porém, que na Inglaterra, onde César Cansinos e Ernest Gellner publicaram uma antologia de ensaios em homenagem a Merquior, neste momento pelo menos uma tese está sendo escrita – a de Milton Tosto, sob a orientação de Quentin Skinner – sobre o liberalismo de Merquior.)

Boa parte da crítica literária brasileira de hoje, em especial a paulista, impôs um insultuoso silêncio sobre a obra de Merquior. Figuras para as quais, generosamente, ele chamou atenção, ao reeditarem seus livros simplesmente o ignoram. É o caso de Davi Arrigucci Jú-

nior, cujo *Achados e perdidos* foi saudado com entusiasmo por Merquior no *Jornal do Brasil* de 05.01.1980. Em 1999, refundiu e relançou o livro com o título de *Outros achados e perdidos*, mas, nas várias entrevistas que deu, nas orelhas e na quarta-capa, não há nenhuma menção ao nome de quem fez – quando da primeira edição, e num órgão de circulação nacional – afirmações desse quilate: “O todo me parece situar o autor na primeira fila dos nossos intérpretes da coisa literária, alguém a ser colocado entre a eminência de um Antonio Candido e a sutileza de um Alexandre Eulálio.” Simples esquecimento, ou o sentimento de gratidão é mesmo planta rara entre nós?

Um outro caso sintomático: ao publicar agora um volume sobre *Borges no Brasil* (2001), Jorge Schwarcz não viu razão para incluir o excelente texto de Merquior sobre o escritor argentino contido em *As idéias e as formas*. No mesmo passo caminhou o prefaciador da recente edição de *Tempo espanhol*: desconhece a bela página de Merquior, pioneira, no *Jornal do Brasil* (19.06.60), sobre o originalíssimo livro de Murilo Mendes. Mesmo um amigo como Marcílio Marques Moreira, que o acompanhou até os dias finais, preferiu deixar para outra oportunidade o depoimento que sobre Merquior dele se esperava na obra que acaba de publicar.

Merquior foi um polemista, mas reduzi-lo a um profissional dessa arte é desconsiderar a riqueza de sua variada e extensa obra, toda ela vinda à luz em pouco mais de 30 anos de atividade crítica. Não se pode negar, contudo, que a polêmica o alimentava. Já doente, embora os amigos próximos tentassem demovê-lo, lá estava ele, outra vez, embrenhado num debate em jornal com um senhor que atendia pelo nome de Ricardo Musse. Numa das réplicas, ironizava: “Musse ou chocolate?”

Os estudos da produção intelectual de Merquior tornam-se ainda mais difíceis em função da multiplicidade de seus interesses. Muitos que dominam os estudos literários desconhecem (ou simplesmente

não se interessam em abordar) a parte de teoria política e história das idéias de sua obra. Isto tem se mostrado redutor, impossibilitando uma visão global de sua produção, e fertilizando o terreno para o nascimento de incompreensões de toda natureza.

Naturalmente existem ensaios excelentes sobre ele: lembro aqui os de Sergio Paulo Rouanet – “O sagitário do presente” e “Os herdeiros do Iluminismo”, em *As razões do Iluminismo* (Companhia das Letras, 1989), e “Merquior vivo”, em *Mal-estar na modernidade*; “Merquior, paladino da racionalidade concreta”, de Miguel Reale – sobre quem Merquior escreveu o último ensaio – em *Figuras da inteligência brasileira* (segunda edição refundida e aumentada, Siciliano, 1994); de Roberto Campos a arguta introdução a *Liberalismo – Antigo e moderno*, livro póstumo de Merquior. Isso para não falar do que sobre ele escreveram Eduardo Portella e Celso Lafer, entre outros.

Merquior era um mestre da língua. Seria possível fazer uma antologia onde seu domínio da língua e sua verve se apresentam impagáveis. Um de meus trechos preferidos está em artigo publicado no *JB* (01.09.79), sob o título “Sabe com quem está falando?”, onde comenta o recém-lançado *Carnavais, malandros e heróis*, de Roberto da Matta. Ouçam o show de destreza verbal e ironia:

Um dos méritos de Roberto da Matta é, aliás, o seu cuidado com a literatura anterior. Nada noto nele dessa pífia presunção, feita de incultura e insegurança, com que vários dos nossos mais novos praticantes de ciências humanas dão as costas ao que se escreveu antes deles – com muita freqüência, muito melhor – sobre seus temas. Em compensação, a linguagem de *Carnavais, malandros e heróis* poderia ser mais apurada. O autor expõe, em geral com clareza, não raro com certa elegância; mas volta e meia sucumbe ao desleixo ou, pior ainda, a esse fraseado esquisito com que tantos textos universitários macaqueiam gratuitamente palavras e construções inglesas ou francesas. O desleixo abrange alguns anacolutos e várias regências incorretas, além da estranha menção a um tal “Alex” de Tocqueville (que intimidades são essas, Pro-

fessor Matta? O homem se chamava Alexis). O fraseado posição inclui, por exemplo, um emprego superabundante do verbo “colocar” (em vez de “observar”, “pretender”, “argumentar”, “postular”, etc.). Esse abuso de “colocar” está virando uma verdadeira muleta verbal do nosso jargão universitário. Mas quanto a Roberto da Matta, não tenho dúvida em (agora, sim) colocar esse seu livro bem acima dessas mazelas de expressão. Ele, pelo menos (ao contrário da maioria dos colocadores), tem muito a dizer.

O autor do livro em questão pode até não ter gostado da crítica, mas submeteu o livro a uma esmerada revisão. É só comparar a primeira edição com a última para confirmar.



Merquior estreou no Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*. Embora seus primeiros artigos neste importante Suplemento já aparecessem em 1959, só depois da hoje histórica nota editorial assinada por Reynaldo Jardim é que sua colaboração lá se efetivou. Num texto intitulado “Bilhete de editor”, publicado no alto da página em 30 de abril de 1960, lê-se:

A primeira colaboração de JGM nos chegou como centenas de outras através de nossa seção *Correspondência*. Bastou ler o primeiro artigo para constatarmos que estávamos frente a um legítimo escritor amplamente capacitado a colaborar conosco. Publicamos o artigo e tempos depois chegou outro comprovando a categoria intelectual de seu autor. Mais um ou dois artigos de JGM vieram às nossas mãos sem que o conhecêssemos pessoalmente.

Reynaldo finaliza dizendo:

Aqui estará ele, sem o compromisso do aparecimento semanal, mas mantendo um certo ritmo em sua colaboração, que pretendemos venha contribuir para a melhoria do nível de produção poética em nosso meio.

Neste Suplemento, já no início de sua colaboração, a veemência e os golpes certos de Merquior se fizeram notar. Salvo prova em contrário, a primeira polêmica foi com o crítico de arte Roberto Pontual, a quem responde no artigo “Miséria e ingenuidade” (01.07.61):

Já que ele me faz a honra de me ler, poderia acrescentar o cuidado de me compreender. Onde foi que em qualquer artigo eu exaltei a poesia neoconcreta como uma *solução*? Onde foi que a saudei, ultrapassando uma simpatia que se impõe pela honestidade e pelas intenções do movimento, como uma soma de resultados e um estilo já *realizado*? [...] Só por três vezes o entusiasmo quase total dirigiu minha crítica às obras do movimento: um ensaio sobre experiências de narrativa plástica devidas a Lygia Pape, o texto de “Galatéia I”, consagrado aos bichos de Lygia Clark, e finalmente – única vez no campo da literatura – um esforço de compreensão do chamado *livro infinito*, de Reynaldo Jardim. Todos esses dados servem aliás de duplo argumento: se quiserem uma fé de ofício de atenção e preocupação com o poema sem verso, aí estão para provar que nunca o ignorei e que não é em virtude de um conceito convencional que tenho julgado a poesia; mas para proclamar uma incoerência seria necessário enxergar neles mais do que realmente mostram: a simpatia por um ensaio honesto, e não o reconhecimento de um resultado. Ao mesmo tempo, minha enorme boa vontade para os artistas neoconcretos ficou definitivamente demonstrada pela rapidez, embora lúcida, com que eu adverti nas suas *obras plásticas* um imediato valor de permanência. Se interessa a Pontual, posso afirmar desde logo que considero o neoconcretismo muitas vezes mais realizado nesse terreno. Não vejo o lado poético nesse mesmo nível de maturidade. Prefiro Clark, Carvão, Amílcar, Pape, a todos os poetas do grupo. Implicância? Mas não seria quase cretino, uma vez que trato muito mais de *poesia*? A verdadeira razão é que distingo as experiências vitoriosas das pesquisas ainda incompletas. É claro que amanhã mesmo Lygia Clark poderá mudar mais uma vez o seu estilo: nada impedirá que os bichos *permaneçam* na nossa escultura como valor inarredável. Chamo a isso um experimentalismo maduro. Há exemplo semelhantes na poesia neoconcreta?

Entre as abordagens possíveis – e que vejo intocadas – sobre a obra de Merquior está a do seu apreço pela arte, em especial a pintura, de que é exemplo sua referência ao cubismo em João Cabral. Já no início da atividade crítica, escreve um ensaio, sob o título “Neolako-on, ou da Espaciotemporalidade” (17.10.59), que chamou a atenção de Leandro Konder. Entre os ensaios da fase no Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil* poderíamos ainda destacar: “Estudos sobre expressionismo: Hodler, Munch e Ensor (Extrato de um ensaio sobre a gênese da pintura moderna)”, de 59; “Introdução a um pintor moderno: Degas” (23.01.60); a série “Galatéia ou a morte da pintura”, publicada em duas partes (a primeira em 26.11.60, e a segunda em 07.01.61), afora “A criação do Livro da Criação”, em 03.12.60, sobre obra de Lygia Pape. (Todo este material está por publicar, pois Merquior não o incluiu em *Razão do poema*.)

A estes, numa antologia de textos sobre pintura, teríamos ainda que agregar os ensaios: “Kitsch e antikitsch (arte e cultura na sociedade industrial)”, “O problema da interpretação estilística da pintura clássica (um desafio para o método formalista)”, e “Sentido e problema do ‘pop’ – Pop e hiperrealismo”, todos em *Formalismo e tradição moderna* (*O problema da arte na crise da cultura*), de 1974; “A tirania da imaginação”, em *As idéias e as formas* (1981); “Arte? Que arte?” (27.11.88), e “Roubaram a pintura” (25.03.90), ambos inéditos em livro, e só publicados em *O Globo* na coluna “A vida das idéias”, que manteve até a morte. Este último artigo, que conta do roubo de uma coleção de quadros, começava assim:

Em 1955, sem tostão para comprar sequer uma tela, o grande pioneiro do pop-art, Robert Rauschenberg, pegou o edredom de sua cama, estendeu-o no chão, juntou-lhe o travesseiro e pintou vigorosamente o conjunto. Batizada como “Cama”, essa insólita salada de lençol, cobertor e fronhas, espessamente pintados, foi há pouco oferecida pelo conhecido marchand Leo Castelli ao Museu de Arte Moderna, o famoso MoMA de Nova York.

Valor atual estimado: perto de 10 milhões de dólares. É o caso de dizer: faça a cama e deite-se na fama...

[...]

Merquior concluía com um lúcido diagnóstico:

Roubaram a pintura, senhores – e não só dos museus mal guardados. Sequestraram a experiência estética de nossas vidas modernas. O cinismo do pseudo-artista, o terrorismo de falsos teóricos, o oportunismo das galerias e o esnobismo pateta de um público tão ingênuo quanto inseguro insistem em vender gato por lebre. A terrível trepidação da vida-reflexo, banindo a vida da reflexão, se casa ao reino da grossura para nos negar o refúgio da arte – a pausa da qual se volta intimamente mais rico ao debate cotidiano. Rilke sabia que perscrutar um torso arcaico de Apolo nos convida a mudar nossa existência. Dou um doce a quem sentir algo de semelhante ao enxergar a enxerga pop no MoMA.

Passaram-se os anos e não se desvaneceu essa sua fixação pelo tema. Na biblioteca de Merquior se encontravam quase todos os volumes da Skira, editora que revolucionou o mercado de livros de arte nos anos 50 e 60; obras de Erwin Panofsky, o mestre da iconologia; de Frederick Antal, o historiador húngaro de feição marxista que analisou pioneiramente as fundações do Renascimento florentino; de Ernst Gombrich, o vienense que ficou conhecido por uma despreziosa *História da Arte*, mas cujos estudos sobre o Renascimento mudaram a maneira de se entender este período pelo qual Merquior sentia a mais funda devoção; a abrangente *História da cidade*, de Leonardo Benevolo; os volumes de Giulio Carlo Argan, e muitos outros ensaístas que renovaram os estudos estéticos no século XX. (Uma nota lateral vem a propósito aqui: Merquior, me parece que injustamente, não devotava o mesmo apreço que seu amigo Alexandre Eulálio à obra de um ensaísta como o italiano Mario Praz.)

A pintura italiana em especial fascinava Merquior: o Ticiano de *O raptó de Europa*, os Masaccio da Capela Brancacci, que visitou pouco antes da morte. Entre os franceses tinha Poussin em alta estima, entusiasmo compartilhado com Claude Lévi-Strauss, seu mestre, autor de um ensaio sobre o pintor que produziu em Roma a quase totalidade de sua obra (“Olhando Poussin”, em *Olhar escutar ler*, de 1993).

Nos anos 60 Merquior debruçou-se sobre a obra de Maurice Merleau-Ponty, e dedicou ao filósofo da *Fenomenologia da percepção* dois ensaios no Suplemento do *JB*: “O corpo como expressão e a palavra: Merleau-Ponty” e “Merleau-Ponty: O cinema e a nova psicologia”. Leu Jean-Paul Sartre e Georg Lukács, este nas edições italianas que lhe passavam Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho. Mas o Sartre que o entusiasmou foi o de *As palavras*, o do ensaio inacabado sobre Tintoretto, o da aguda percepção sobre os móveis de Calder, o autor de páginas penetrantes de psicologia existencial.

No texto de apresentação do catálogo de uma exposição do artista Marcos Duprat, Merquior esclarece seus pontos de vista sobre a arte moderna:

Há pelo menos duas décadas, com a fadiga do abstrato, o paradigma da pintura ocidental voltou à imagem. À imagem violenta ou plácida, impessoal ou retratística: daí o triunfo de Bacon ou de Balthus, dos hiper-realistas ou de um Lucien Freud. Mas, como advertiram os primeiros denunciantes da penúria do abstracionismo, o retorno à figuração só ganharia consistência se passasse por um novo rigor da técnica e da composição. Na plástica brasileira dos últimos anos, ninguém encarna esse requisito com mais consciência que Marcos Duprat.

Tranquilamente, alheio ao frenesi neofágico das propostas vanguardistas, Duprat se refugiou na mais estrita fidelidade ao que ele chama “o enigma da realidade visível”. Esse enigma, os óleos de Marcos Duprat o armam, decifram e rearmam num estilo translúcido, cristalino, onde as mudanças cromáticas sugerem momentos de mágicas metamorfoses. Os planos são

dispostos, as camadas superpostas, a cor nasce da “velatura” – um processo colorístico de nobre linhagem, que exige um trabalho em ritmo artesanal, a léguas da herança turbulenta, e ainda tão influente, de Pollock e sua tribo. Uma pintura lenta, em adágio, propícia à meditação do duplo, à ponderação da série, à perquirição da profundidade – todos temas desses olhos peritos em focalizar o prolongamento de uma imagem noutra, o reflexo no espelho ou na água, os corredores engavetados em túnel, a delicada modulação de seqüências.

Quando ele aborda a figura humana, especialmente nua, Duprat sabe ser tão sereno quanto Balthus – mas sem fazer da cena o prelúdio a um drama de vício e malícia. Quando prefere objetos, o silêncio das formas é tão lírico quanto um Morandi.

Cito esse longo trecho porque ele é emblemático de como Merquior entendia o fenômeno pictórico, do que gostava de ver em pintura. Não preciso dizer do tédio que nele provocava a maré alta das instalações e artifícios do gênero que começou a invadir os museus nos anos 60, a partir do clima tão ironicamente descrito pelo crítico de arte Robert Hughes, nos capítulos finais de *American visions* (1997), como a “era da ansiedade”. Desse modo corre Merquior o risco de ser visto como um crítico conservador pela chamada “indústria da arte” e pelos membros da lucrativa associação entre marchands e “artistas” (entre aspas) que, mais e mais, toma conta do setor.



Do livro inicial sobre a Escola de Frankfurt até os anos maduros de sua atividade intelectual, Merquior vai ficando cada vez mais crítico em relação à obra dos membros da Escola de Frankfurt. Em *O marxismo ocidental* percebe-se que o heterodoxo Walter Benjamin é o único pensador dessa escola pelo qual manteve a estima intelectual adquirida nos anos de formação.

Uma das contribuições decisivas de Merquior à nossa cultura são os ensaios que escreveu sobre Drummond, Murilo Mendes e João Cabral. Isso para não falar de sua amizade com Bandeira, que o convidou para colaborar na seleção da antologia *Poesia do Brasil*. Numa carta até este momento inédita, datada de Roma (19.II.72), Murilo Mendes lhe escreve para agradecer o envio do novo livro, *A astúcia da mímesis*:

Querido José Guilherme,

Tenho tanto que lhe agradecer, muito, muito, muito, e tantas desculpas que lhe pedir, pela falta de cartas. [...]

Gratíssimo pelo cartão e pelo grande livro que é *A astúcia da mímesis*, pelo magnífico estudo sobre o “Texto délfico” e o outro, idem, sobre a “Pulga parabólica” [...] Estou muito feliz pela atenção que você dá aos meus papéis: isto representa para mim um diploma, vindo de quem vem.

Gratíssimo, íssimo, íssimo.

Professor no King’s College, em Londres, doutorou-se em Letras pela Sorbonne com tese sobre Carlos Drummond de Andrade, aprovada com louvor em junho de 1972. Enquanto a escrevia, Merquior ia enviando ao poeta mineiro os capítulos à medida que os concluía. Drummond levou meses para acusar o recebimento, mas finalmente respondeu:

Eu poderia tentar justificar-me alegando que esperava o recebimento do texto completo para lhe escrever. Mas a verdade verdadeira é que, desde a leitura das primeiras páginas, me bateu uma espécie de inibição que conheço bem, por ser velha companheira de minhas emoções mais puras. Se você estivesse ao meu lado nos momentos de leitura, decerto acharia graça na dificuldade e confusão das palavras que eu lhe dissesse. Talvez até nem dissesse nenhuma. E na minha cara a encabulação visível diria tudo... ou antes, não diria nada, pois o melhor da sensação escapa a esse código fisionômico. Senti-me confortado, vitalizado, vivo. Meus versos saem sempre de mim como enormes pontos de interrogação, e constituem mais uma procura do que um resultado. Sei muito pouco de mim e duvido muito – você vai achar graça outra

vez – de minha existência. Uma palavra que venha de fora pode trazer-me uma certeza positiva ou negativa. A sua veio com uma afirmação, uma força de convicção que me iluminou por dentro. E também com uma sutileza de percepção e valorização crítica diante da qual me vejo orgulhoso de nobre orgulho e... esmagado. Eis aí, meu caro Merquior. Estou feliz, por obra e graça de você, e ao mesmo tempo estou bloqueado na expressão dessa felicidade.

Com João Cabral a amizade também era fraterna. Li pelo menos duas cartas de Merquior dando conta de livros encomendados pelo autor de “O cão sem plumas”. Alguns, curiosamente, eram do crítico desconstrucionista Paul de Man, sobre quem recaía então o interesse de João Cabral; por se encontrarem esgotados, Merquior informava estar enviando xerox de alguns livros do crítico belga. Digo “curiosamente” porque Cabral costumava afirmar que não era de ler crítica literária. A mim mesmo afirmou uma vez, com visível enfado, desconhecer a quase totalidade do que se escreveu sobre sua obra.

Os artigos de Merquior sobre a nossa poesia são de leitura obrigatória pela clareza, a singularidade da interpretação e a precisão da análise. Nesta sala estão Ivan Junqueira, cuja tradução da poesia de T.S. Eliot foi elogiada por Merquior, e Alberto da Costa e Silva (“alto poeta”, também na opinião de Merquior), cujo pai, o piauiense Da Costa e Silva, ganhou um luminoso ensaio do nosso homenageado (“Indicações para o estudo da obra de Da Costa e Silva”, em *Poesias completas*, Nova Fronteira, quarta edição, 2000).

Ivan Junqueira – um exigente leitor de poesia que igualmente escreveu sobre José Guilherme Merquior – afirmou que apenas em dois momentos discordou dele: quando analisou favoravelmente a poesia de Capinam e a de Francisco Alvim. Para Ivan, nestes dois casos a generosidade falou mais alto que a agudeza crítica.



Em meados dos anos 80 Merquior abriu fogo contra a psicanálise como método terapêutico. Seus artigos – quase todos depois incorporados ao livro *As idéias e as formas* – provocaram viva irritação entre os membros da comunidade psicanalítica. Seu debate público com psicanalistas como Eduardo Mascarenhas e Hélio Pellegrino eram comentados até na praia de Ipanema. Num programa de televisão, Mascarenhas mostrou *As idéias e as formas* e acusou Merquior de praticar “terrorismo bibliográfico” diante da quantidade de nomes – que se dera ao trabalho de contar – citados no livro. Quem razoavelmente inteligente pode encarar como defeito a decisão de um intelectual sério de fornecer ao leitor as fontes de sua pesquisa?

Até que ponto Merquior tem razão quando nega o estatuto científico da psicanálise? Até onde está sendo unilateral em sua crítica a Freud? Terá Ernst Gellner, o teórico do nacionalismo e orientador de sua tese na London School of Economics – autor também de *O movimento psicanalítico* (1985), implacável enfrentamento crítico da psicanálise – mais que Karl Popper, influenciado essa sua tomada de posição? Na verdade, a dificuldade de Merquior com Freud já é perceptível no primeiro livro, *Razão do poema*, de 1965. Na seção II da segunda parte do volume, intitulada “As relações da antropologia com a psicanálise e a psicologia social”, se lê:

Os contatos entre a antropologia e a psicanálise foram, em seu começo, marcados pela hostilidade dos antropólogos às generalizações freudianas tipo *Totem e tabu* (1913), onde a “explicação” da cultura em termos de impulsos da libido não podia resistir à seriedade crítica. Ainda por cima, Freud extraiu a maior parte de seu material antropológico, de maneira frequentemente ingênua, do evolucionismo e da antropologia de “gabinete” do século XIX e dos inícios do atual: de Spencer e Wundt, de McLennan e Taylor, de Lang e, sobretudo, de Frazer. Em tais condições, o prazer bem maligno de Malinowski, ao arrasar a aplicação ortodoxa do complexo de Édipo ao estudo das origens culturais, encontra sua razão ao combate que a

antropologia moderna, sob o signo do funcionalismo, moveu contra os “pais” oitocentistas dessa ciência. O determinismo e o unilateralismo interpretativo de livros como *Totem e tabu*, tanto nas fontes quanto na orientação, só poderiam indignar as novas tendências antropológicas.

É o ensaísta Sergio Paulo Rouanet quem melhor põe luz nessa questão quando, em elegante estilo, procura compreender e ampliar os arroubos antipsicanálise de Merquior. Em *Mal-estar na modernidade* (Companhia das Letras, 1993, págs. 294-303) escreve:

Que dizer de tanta agressividade? Os que passaram pela experiência analítica sabem como é difícil discutir com os que não a viveram. O diálogo acaba sendo um diálogo de surdos, porque o crítico simplesmente está falando de coisas sobre as quais não tem um conhecimento direto. Além disso, um *fair play* mínimo nos impede de usar intuições que devemos ao processo psicanalítico. Dizer que a veemência do nosso interlocutor se deve a uma atitude defensiva, a uma angústia diante da análise, seria provavelmente verdadeiro mas irrelevante, porque as regras do jogo da argumentação pública nos proibem de invocar no debate um saber privilegiado e incomunicável.

Estaremos em terreno mais seguro se dissermos que, descartando Freud, Merquior abriu mão de um valiosíssimo aliado na cruzada iluminista. Freud é o último e o mais radical dos iluministas. [...] Por ignorar Freud, Merquior privou-se da ajuda desse Voltaire da alma, e reduziu seu poder de fogo diante dos verdadeiros inimigos do espírito.

Mas Merquior era tão diabolicamente inteligente que tinha razão mesmo quando não a tinha. O freudismo não é irracionalista, e nisso sua crítica estava fora de foco, mas está cercado de irracionalismo por todos os lados, e por isso essa crítica provocou devastações saudáveis.

Também o suíço Carl Gustav Jung (1885-1961), que tanta influência teve, entre nós, na obra da Dra. Nise da Silveira, foi alvo da mirada crítica de Merquior. Em resposta ao Prof. Meira Penna no *JB*, no meio dos anos 80, ele batia forte:

[...] Ao contrário de Freud, Jung teve uma longa vivência clínica da loucura, e nessa sua prática terapêutica se enraíza uma de suas melhores contribuições à teoria psicológica: a distinção entre introversão e extroversão. Procurando captar a especificidade do comportamento esquizofrênico, ele supôs que este consiste numa tentativa, por parte do doente mental, de conferir sentido à sua experiência, protegendo-se do mundo hostil (é fácil reconhecer o quanto essa caracterização se aplica como uma luva às paranóias).

Até aí, tudo perfeito. Mas acontece que, ao construir sua “psicologia analítica” como visão do mundo, Jung partiu para uma generalização inédita, descrevendo o homem moderno como alguém no fundo tão necessitado quanto o esquizofrênico de dar sentido à sua vida.



Merquior leu Marx já nos primeiros anos da Universidade, e desde então procurou manter-se informado sobre a melhor bibliografia sobre Marx e o marxismo. De Gramsci ele viria a escrever depois: “Por ambíguas e, até, errôneas que sejam suas opiniões políticas, não resta dúvida de que, na tradição marxista, ele teve um efeito profundamente libertador.” Sua formação estética deve muito também à leitura de Lukács, Galvano della Volpi e outros pensadores de tradição marxista.

Com a maturidade, assim como gradativamente perdia o entusiasmo por Martin Heidegger, aumentava o grau de sua lupa crítica em relação ao marxismo. Nesse sentido a leitura de Lucio Coletti – que ajudou a trazer ao Brasil, e, através de Regina Bilac Pinto, lançou entre nós – foi decisiva. Como decisivo foi o contato com o filósofo polonês radicado em Oxford Leszek Kolakowski, autor de *As grandes correntes do marxismo*, que considerava uma síntese crítica definitiva. Entre os mais jovens Merquior deixou-se entusiasmar pelo Jon Elster de *Making Sense of Marx* (1985), cuja leitura me recomendou com um forte argumento: “A inteligência desse norueguês é uma na-

valha afiadíssima.” As idéias liberais do último Merquior — o ensaísta que advogava a economia de mercado e as leis do liberalismo clássico; o leitor do Rawls da *Teoria da justiça*; o que se encantou por Norberto Bobbio, defendendo-o das ácidas considerações perpetradas pelo inglês Perry Anderson, teórico do “Estado Absolutista” e editor da *New Left*; o Merquior entusiasta de Raymond Aron (para a edição brasileira da UnB dos *Estudos políticos* deste último, escreveu, diretamente em francês, uma extensa introdução) — cristalizaram-se no segundo período diplomático em Londres. Nomes como Ralf Dahrendorff, Ernst Gellner, John Hall, Anthony Giddens, Pierre Manent, Harry Levin, Isaiah Berlin, Arnaldo Momigliano figuravam entre os importantes intelectuais com os quais manteve laços de amizade.

O livro que melhor apresenta esta sua tomada de posição me parece ser *A natureza do processo* (1982), “a mais orgânica de suas obras” na opinião de Miguel Reale. Foi escrito à mão, e em parte ditado, em um mês, atendendo a uma sugestão do editor Sérgio Lacerda, da Nova Fronteira. A partir desse momento, o tema liberal não mais abandona as especulações de Merquior. No último livro, *Liberalism – Old and New* (no Brasil, *Liberalismo – Antigo e moderno*), chega a examinar até mesmo as variantes latino-americanas da questão liberal, tal como elas se apresentaram em pensadores como os argentinos Domingo Sarmiento e Juan Bautista Alberti.



Nos anos de formação, quando estudava Direito e Filosofia e já colaborava com assiduidade em jornais e revistas como a *Senhor*, Merquior teve por professores Dirce Côrtes Riedel e Antonio Gomes Penna. Deu também conferências no ISEB, ali conhecendo muitos dos melhores intelectuais da época.

Certamente foi nas rodas de cinema do MAM que ficou amigo de Glauber Rocha. Numa das cartas de Merquior que localizei e cedi para a edição das *Cartas de Glauber*, publicadas pela Companhia das Letras, o diplomata, então em Paris – onde frequentou por quatro anos o Seminário de Lévi-Strauss – procura entusiasmar o cineasta de *Terra em transe* a filmar a vida de Villegaignon, e revela que o antropólogo de *Tristes trópicos* lhe contara alimentar, há tempos, o desejo de escrever um libreto de ópera sobre a saga do navegador francês. Mais tarde, Glauber escreve pedindo a interferência do amigo para arranjar um emprego.



O desaparecimento prematuro de José Guilherme Merquior, há dez anos, privou o país de um crítico cultural com obra *in progress*, e cuja potência analítica continuará sempre a impressionar. Como figura humana, Merquior era também especial: prestativo e solidário. Quem o via esgrimindo em público, ou lia suas muitas diatribes, não tinha a menor idéia do homem gentil, afetuoso e dado a boas gargalhadas (“riso erasmiano”, como notou Sergio Paulo Rouanet). Muitos aqui presentes perderam não só um mestre, cuja obra se lê com prazer, aprendendo, mas também um amigo fraterno.

Merquior faz falta. Muitas vezes, nestes anos que se passaram desde sua morte, ao me deparar com um novo livro que sei despertaria o interesse dele, fico a me perguntar: o que acharia do que acabo de ler? Onde estaria sua concordância ou discordância com a interpretação aqui exposta? Imagino que a mesma sensação já tomou conta de muitos que o conheceram.

Ainda há pouco, ao descobrir um volume dedicado a Baltasar Gracián, de quem a Espanha está comemorando os 400 anos de nas-

cimento, me deparei com um ensaio sobre as leituras que fez Walter Benjamin da obra do monge de Tarragona enquanto preparava *O drama barroco alemão* – que o Prof. Rouanet traduziu. Imediatamente me veio à cabeça a certeza de que Merquior se entusiasmaria com as informações contidas neste ensaio. Acho que Eduardo Portella, a quem dei cópia do volume, também sentiu a presença do amigo durante a leitura desse texto.

São muitas as perguntas que o destino nos impossibilitou fazer ao grande ensaísta e ao inesquecível amigo. Diante do atentado terrorista de 11 de setembro, como o racionalista Merquior, íntimo da obra de Max Weber e Ernst Gellner – dois teóricos que estudaram o Islã – analisaria o mundo a partir desse trágico acontecimento? Como o Merquior que dedicou páginas tão vivas à questão da legitimidade política veria o desenrolar da crise internacional provocada pelo atentado terrorista contra o WTC? Como reagiria à dimensão religiosa que subjaz em alguns dos mais complexos dramas da modernidade, como acentua o pensador alemão Jürgen Habermas na longa entrevista dada recentemente a Eduardo Mandieta, da Universidade de São Francisco, significativamente intitulada “Um diálogo sobre o divino e o humano”?

Infelizmente as respostas a essas e outras questões terão de ser extraídas do que Merquior nos deixou escrito. Tem razão Roberto Campos, grande amigo e incentivador de sua carreira, quando diz que sua morte foi “mais uma grande tragédia brasileira”.



Merquior era um autêntico e corajoso intelectual. Contrário à sempre atual moda brasileira de ignorar as críticas para disseminar a impressão de que não têm substância, ele não deixava nada sem resposta. É natural que, com essa postura, algumas vezes tenha criado



José Guilherme Merquior em 1983.

em suas polêmicas mais calor do que luz. Ele sabia disso e não se importava, pois tinha uma obra sólida que lastreava tais exercícios de pinga-fogo. Não temia críticas, desde que fossem inteligentes.

Há poucos meses (23.04.2001) recebi do ensaísta e teórico da literatura Luiz Costa Lima um e-mail no qual dava um importante testemunho:

José Guilherme foi a primeira pessoa com quem tive contato pessoal, ao chegar do Recife, cassado em outubro de 1964. Embora soubéssemos, um e outro, que nossa situação era mutuamente delicada, nunca evitamos nenhuma conversa ou tivemos qualquer atrito. Lamentavelmente, o país que o repudiava levemente, sem saber aproveitar o talento raro que era o seu, continua, apenas com outros nomes, no mesmo clima de superficialidade. E, assim, eu que durante muito tempo lamentei que José Guilherme tivesse seguido a carreira do Itamarati, vejo que não teríamos intelectualmente ganhado mais com ele caso ele tivesse seguido uma profissão outra.

Seu último artigo em *O Globo* chamou-se “O sentido de 1990”. Era um comentário a partir do famoso ensaio de Francis Fukuyama, e foi publicado a 30 de dezembro daquele ano. Cito os dois parágrafos iniciais:

No epílogo das cinco estações entre o verão setentrional de 1989 – a chamada “revolução de 1789 – e o aprofundamento da crise do Leste europeu, a que se veio somar o conflito do Golfo, a fermentação política desse inquietante virar-a-década soa como um desmentido brutal à tese do ex-diretor-adjunto de planejamento no Departamento de Estado, Francis Fukuyama, sobre “o fim da História”.

E que desmentido, se considerar a presunção profética desse harvardiano transformado em tecnocrata das relações internacionais! A História continua quente, nem há dúvida – quente, explosiva e imprevisível. Em vez de assistirmos ao seu fim, o que estamos é testemunhando a agonia do *historicismo*: a morte – já vai tarde! – das arrogantes teorias de uma lógica da História.

Merquior não teve tempo de escrever memórias, mas vez por outra encontro em seus escritos momentos líricamente confessionais, como este trecho do artigo “Afonso Arinos, o último patrício” (*O Globo*, 09.09.1990):

Um dia, lá se vão vários anos, no solar da Rua D. Mariana, com a meiga, tácita aprovação de Dona Annah, sua esposa e companheira de toda a vida, Mestre Arinos decidiu me presentear com uma foto histórica: o instantâneo de sua passagem do cargo de Ministro das Relações Exteriores a seu velho amigo San Thiago Dantas.

Guardo com o maior carinho esse emblema da nossa aristocracia política. Arinos e San Thiago sorriem um para o outro na serena alegria de uma cumplicidade patriótica, acima e além de tudo quanto a política possa conter de mesquinho. Quando é que esse escol servirá de escola entre nós?

Os liberais da era Afonso Arinos eram juristas e tribunos como ele; os de hoje são sociólogos e economistas, raça que ele, discreta e algo precon-

ceituosamente, tendia a desprezar. Não importa: a política da liberdade não precisa só de lucidez econômica. Precisa também de inspiração humanística como a que nós íamos tantas vezes beber, entre livros e pássaros, no seu velho casarão de Botafogo, no convívio inigualável de Afonso Arinos, nosso último patricio.

Resta-nos a consolação dos 21 livros que publicou, num total de 5.489 páginas, aos quais se juntarão em breve *O outro Ocidente*, volume que está sendo organizado sob a orientação de sua mulher, a embaixatriz Hilda Merquior, e no qual se recolhem alguns dos muitos ensaios escritos para publicações no exterior, quase todos inéditos no Brasil. A este se seguirá a totalidade do material publicado nos dois anos de colaboração em *O Globo*, para onde foi a convite de Roberto Marinho escrever a coluna “A vida das idéias”, que será o título do livro, igualmente em fase de digitação.

Seus primeiros artigos publicados no *JB* não recolhidos em *Razão do poema* já foram localizados por mim, e certamente se editará, um dia, o resultado de suas muitas entrevistas em jornais e televisão. Uma outra idéia que me tem assaltado é a de reunir tudo que Merquior escreveu sobre Machado de Assis, de que é exemplo o capítulo admirável dedicado ao patrono desta Casa em *De Anchieta a Euclides*. A idéia de publicar suas polêmicas é editorialmente tentadora mas, como o correto seria incluir também os textos rivais, se acabaria por dar espaço a autores de discutível estatura intelectual, que então se beneficiariam da visibilidade proporcionada pelo nome de Merquior.



Aqui na ABL, José Guilherme Merquior votou em Evaristo de Moraes Filho, e lutou pela candidatura de Pedro Nava – mas o bom mineiro declinou do convite. Em 24.05.83, o memorialista escreveu ao nosso homenageado dando suas razões:

Mentalmente e no fundo, mesmo sabendo-a inevitável e já na sua hora, rejeito a idéia da morte e uma das formas de rejeitá-la simbolicamente é fugir da glorificação acadêmica. [...] Está aí presente e me aconselha a ficar quieto o infarto de Guimarães Rosa, que só se fardou em duas ocasiões: a da posse no transitório e a ocasião definitiva do tremendo passo que temos de dar para transpor a distância milimétrica que separa este mundo do nada. E, julgue-me você maluco ou um supernervoso, a idéia da farda passou a me perseguir e a não me dar mais momento de tranqüilidade.

A justa homenagem que a Academia Brasileira de Letras presta neste momento àquele de quem o grande mestre francês Raymond Aron afirmou ter lido tudo documenta o quanto esta nobre Instituição tem sabido manter viva a memória dos que tiveram a honra e a glória de a ela pertencer.

Como amigo e editor de José Guilherme Merquior, renovo meus agradecimentos ao autor de *A ontologia axiológica de Louis Lavelle*, Prof. Tarcísio Padilha, pelo convite para estar hoje nesta mesa. Agradeço também ao Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, coordenador desse encontro, assim como aos demais componentes da mesa, e a todos do auditório que tiveram a gentileza de me ouvir.

PROFESSOR ANTONIO GOMES PENNA

Foi com muita emoção que recebi o convite para participar desta sessão da Academia Brasileira de Letras dedicada à evocação saudosa de José Guilherme Merquior. O convite me foi transmitido pelo ilustre Acadêmico e Embaixador Sergio Rouanet, que de resto, me tem honrado com sua amizade e com sua extraordinária cultura, aliada a uma encantadora simplicidade. Certamente os melhores momentos que minha mulher e eu temos vivido nos últimos tempos, nós os devemos ao prezado Embaixador e à sua encantadora esposa, Bárbara Freitag, sempre com a presença amiga de nossa Marialzira Perestrello. Ao me transmitir o convite, não deixou claro que a mim seria concedida a palavra. Na verdade, considerei que o convite fosse para que eu acompanhasse os vários estudos que seriam apresentados pelos ilustres membros desta Academia e ainda por alguns dos grandes intelectuais que com ele conviveram, estudos que certamente cobririam as muitas áreas do conhecimento brilhantemente exploradas por Merquior. Tudo se esclareceu quando, minutos após ter recebido o convite através do prezadíssimo Acadêmico e

Professor
catedrático de
Psicologia Geral
e de Filosofia da
UERJ, com
vários livros
publicados sobre
o assunto.

Embaixador Sergio Roaunet, foi o convite renovado pelo ilustre Presidente desta Academia, meu velho e estimado Professor Tarcísio Padilha, cuja brilhante carreira como filósofo notável pude acompanhar desde os anos 50, quando, ainda muito jovem, conquistou a cátedra de História da Filosofia da hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Na renovação do convite, fiquei ciente de que deveria participar ativamente das homenagens ao meu querido e inesquecível José Guilherme. Não posso deixar de acrescentar que minha gratidão pelo convite amplia-se pela honra que recebo de falar para uma platéia tão rica de grandes Acadêmicos e de brilhantes intelectuais aqui presentes, dentre os quais percebo alguns com quem convivi quando ainda estavam vivendo os anos finais da adolescência.



Escrevi, no começo dos anos 90, na revista *Tempo Brasileiro*, um breve estudo sobre a brilhante produção de José Guilherme Merquior, ressaltando, sobretudo, sua produção filosófica e psicológica. Lembro-me de que o iniciava considerando o período em que o nosso homenageado fora meu aluno, para logo em seguida acentuar que, com o tempo, os papéis se inverteram, convertendo-me eu em seu mais aplicado discípulo. Dediquei-me também, nesse texto, a alguns comentários especificamente acerca da posição assumida por Merquior, sobre o exato significado da Psicanálise, buscando esclarecer que jamais ele deixou de considerar relevante a contribuição de Freud. Penso que, por igual, rejeitei a crítica que lhe fizera um renomado psicanalista quando o acusou de citar em demasiado, em texto relativamente curto, tantos e tantos autores. Recordo-me da brilhante resposta que lhe foi dada por Merquior quando, humildemente, pôs em relevo o fato de que, se nas idéias expostas em seu trabalho, qua-

tro fossem de sua autoria, sentia-se na obrigação de, por uma exigência ética, apontar para os autores que respondiam pelas demais.

Hoje penso que o que se espera de mim nesta sessão não é um exame de sua obra. Outros o farão seguramente com maior competência. Na verdade, o que se espera que eu possa oferecer é um depoimento sobre os cinco anos em que fui seu professor de Filosofia e Psicologia, e como pude firmar uma profunda amizade entre nós e com ele conviver intensamente até uma semana antes da sua partida. Obviamente, sobre esse período e acerca da natureza das relações que entre nós se estabeleceram ao longo dos anos em que ele permaneceu entre nós, ninguém seguramente poderá fornecer as informações que me cabe trazer para esta mesa-redonda.

Meu primeiro contato com Merquior, efetivamente, ocorreu quando ele passou do primeiro para o segundo ano do Curso Clássico do Instituto La-Fayette. Eu era a essa altura professor de Filosofia e de Psicologia desse Colégio, onde, inclusive, fui por muitos anos também aluno e companheiro de Danilo e de Osvaldo, respectivamente pai e tio de José Guilherme. Osvaldo, que se tornou professor da Faculdade de Odontologia da antiga Universidade do Brasil, era um apaixonado pela música erudita e dispunha de belíssima coleção de discos. José Guilherme tomou-se também de paixão pela música clássica e efetivamente passou a freqüentar, com extraordinária assiduidade, a casa do tio, por quem tinha imenso afeto. Quanto a Danilo, sua grande contribuição expressou-se pela aquisição dos livros que progressivamente enriqueciam a biblioteca de José Guilherme. Vale o registro de que muitos desses livros foram por mim indicados ao longo dos dois anos que lhe permitiram a conclusão do curso secundário.

Durante esses dois anos, José Guilherme teve como companheira de banco uma jovem extremamente simpática e bonita, por quem logo se apaixonou. Obviamente refiro-me a Hilda, que bem mais

tarde tornou-se sua companheira de vida. Impressionei-me com os trabalhos por ele apresentados, mas quero assinalar, a propósito de Hilda, que ela confessou-me, em certa ocasião, que nunca pôde ser boa aluna em minhas aulas – e suponho que nas outras também – dado que Merquior não lhe permitia concentrar-se nos temas que eu expunha, e explicou-me: “Ele passava o tempo todo a acariciar minhas pernas.”

Ao término do Curso Clássico, empolgado com a temática filosófica, ingressou no curso de Filosofia da Faculdade de Filosofia da atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Por três anos seguiu meus cursos de Psicologia. No que concerne à Filosofia, teve o privilégio de acompanhar as aulas do jovem e brilhante professor Tarcísio Padilha e dos igualmente notáveis professores Júlio Barata e Celso Lemos. Este, meu antigo professor de Estética na extinta Faculdade Nacional de Filosofia, onde era assistente do inesquecível professor Pe. Maurílio Teixeira Leite Penido. Sua produtividade foi sempre do mais elevado nível, valendo ressaltar-se a mobilização dos grandes textos que lhe eram sugeridos como leituras absolutamente necessárias.

Terminado o curso de bacharelado, convidei José Guilherme e mais sete de seus companheiros de estudo para seguirem dois cursos que daria em minha casa: um de Teoria do Conhecimento e outro sobre a filosofia de Bergson. Na verdade, o meu objetivo era de lhes apresentar as notas de aulas dadas pelo Pe. Penido, nos cursos realizados no Departamento de Filosofia da Faculdade Nacional de Filosofia. Eu as possuía e as considerava de imenso significado. O método de que me utilizei foi o de ler essas notas e desenvolvê-las ao máximo, com comentários que poderiam esclarecê-las e enriquecê-las com o que pessoalmente aprendi ao longo do tempo em que convivi com o grande mestre. As aulas foram inclusive gravadas por um dos estudantes convidados. Posteriormente, devidamente dati-

lografadas, todos receberam essas aulas que formaram um pequeno volume de aproximadamente 70 páginas. Foi, possivelmente, o maior presente que, como professor, eu lhes poderia dar. Na verdade, o que eu lhes ofereci foi um contato com aquele que sempre considerei como o mais notável professor de Filosofia que conheci ao longo de minha vida.

Um episódio de extrema relevância envolvendo José Guilherme vale que se registre a esta altura. Ocorreu logo após o término do curso de Filosofia por ele realizado. Efetivamente, em determinada tarde, fui procurado por um dos Diretores da Faculdade de Filosofia, grande professor e grande amigo meu. Logo fui alertado para o fato de que, naquela altura, eu era o único dos professores catedráticos, ainda que interino, mas já com duas docências realizadas, que não dispunha de um assistente. Comunicou-me, então, que o Diretor da Faculdade desejava que, no prazo de uma semana, eu indicasse um de meus ex-alunos para ser admitido nesse posto. Respondi-lhe que não precisava de uma semana. Minha indicação eu já a fazia naquele momento. E logo entreguei por escrito o nome de José Guilherme Merquior. Muito surpreso com a indicação imediata, comentou que não conhecia o ex-aluno que eu acabara de apontar. Afirmou, entretanto, que levaria, de imediato, minha indicação e que no máximo em dois dias eu teria a resposta. De fato, ela veio. A indicação fora rejeitada. José Guilherme, na avaliação do Diretor, era, segundo informações que lhe foram passadas, um comunista. Curiosa essa vida. Ao longo de sua brilhante carreira de intelectual, sempre foi visto, não mais como um comunista, mas como um homem tomado por convicções de direita.

O fato é que, diante da recusa de seu nome, fiquei efetivamente estupefado. Afinal, confundiram um já consistente conhecimento que José Guilherme alcançara da obra de Marx com sua conversão à condição de um ativista ameaçador das instituições. Claro que na-

quele momento perdia a Universidade um dos maiores professores que ela poderia receber em seus quadros. Ganhava a Diplomacia, sem dúvida, um dos maiores diplomatas, em cuja carreira chegou a honrar os postos de embaixador do Brasil no México e em Paris e, em posto equivalente, em Londres. Em sua formação cultural José Guilherme acumulara dois títulos universitários: o de Filosofia e o de Direito, este também realizado com resultados extraordinários. Ingressou, todavia, em seguida, no Instituto Rio Branco, onde, depois de passagem brilhante, ingressou na Diplomacia. Ressalte-se ainda que, na França, seguiu por longo tempo os cursos de Lévi-Strauss e, na Inglaterra, alcançou seu doutorado sob a direção de um dos grande nomes da filosofia britânica – refiro-me a Ernst Gellner, que inclusive cheguei a conhecer pessoalmente, levado que foi à minha casa por Merquior.

O ingresso de José Guilherme na carreira diplomática não interrompeu o nosso relacionamento. Dele sempre recebi muitas cartas, com extrema regularidade. Relatava-me tudo quanto fazia, não em termos de Secretário de Embaixada, mas em termos dos estudos regulares, aos quais se entregava, com muita intensidade, em seu primeiro posto que foi Paris. Sempre me pôs a par dos Seminários de Lévi-Strauss. Visitei-o mais de uma vez quando ainda Secretário da Embaixada. Muitas indicações de livros que lhe pareciam de muita utilidade para meu enriquecimento me eram seguidamente enviadas. Isto em todos os postos que ocupou ao longo dos anos em que serviu na França, na Inglaterra, na Alemanha e no México. Visitei-o na Alemanha, onde, inclusive, tive o prazer de conhecer seu grande e muito admirado amigo Leandro Konder. Este e seu colega Carlos Nelson Coutinho foram, certamente, aqueles que mais o estimularam a estudar os grandes textos de Marx. De Leandro Konder jamais poderei esquecer sua presença num jantar que Hilda e José Guilherme nos ofereceram em Bonn. Especialmente todos nos deliciasmos

com o vasto anedotário de Konder, em especial destacando-se a parcela reservada a um grande poeta português – não lhe cito o nome – e suas estranhas relações com Gide.

Já ressaltai a frequência com que José Guilherme remetia-me livros. Quando não acontecia tê-los à mão recomendava-me os que sabia, por informações, serem de imensa utilidade para meus cursos. Um desses foi o de L.S. Hearnshaw, *The Shaping of Modern Psychology: An Historical introduction*, certamente um dos mais notáveis textos de História da Psicologia já publicados. Também lhe devo a recomendação dos textos de Leszek Kolakowski, em especial sua extraordinária obra *As principais correntes do marxismo*, em três volumes, juntamente com o seu notabilíssimo texto *Chrétiens sans églises* e muitos outros, valendo destaque ao texto *La Philosophie de la Religion*, do qual, inclusive, me aproveitei muito no estudo que publiquei sob o título de *Introdução à Psicologia da Religião*.

Todos os livros que Merquior escreveu sempre os recebi com belíssimas dedicatórias. Em alguns deles chamava-me de seu “eterno mestre”, evidentemente por uma espécie de lembrança dos tempos em que ele cursava o Clássico e, depois, o curso de Psicologia na Faculdade de Filosofia. Sobre o marxismo demonstrou sua competência quando escreveu o belíssimo texto sobre *O marxismo ocidental*. Por outro lado, tive a oportunidade de assistir à sua conferência apresentada no Instituto de Altos Estudos, vinculado à Universidade Cândido Mendes, em sessão presidida pelo ilustre Professor Hélio Jaguaribe. Nela, ao lado da crítica, teve a oportunidade de exaltar a relevância que pessoalmente concedia ao materialismo histórico. Sobre esse mesmo tema discorreu longamente quando, juntamente com Hilda, passou um fim de semana em nossa casa, em Cabo Frio. Sua exposição exaltando a concepção marxista do materialismo histórico foi por ele ilustrada com a própria Revolução Americana.

Quando foi nomeado Embaixador do Brasil no México, logo nos visitou, a Marion e a mim, para nos mostrar a série de fotografias do prédio da Embaixada do Brasil que por ele seria ocupada. Apointou-nos para uma das janelas, dizendo: – Essa é a janela do quarto que será ocupado quando forem visitar-me. – E, ainda voltado para mim, acrescentou: – Olhe, Professor, bem em frente está a piscina, que estará a seu dispor.



Um dos aspectos mais gratificantes da longa convivência que nos unia era o de suas passagens pelo Rio. Sempre hospedou-se em nosso apartamento. Sua convivência conosco era efetivamente maravilhosa. Marion comportava-se como se fosse sua mãe; eu, sempre tratado como pai, e nosso apartamento recebia todos os amigos que o procuravam. Um dos que mais nos freqüentaram era, precisamente, o prezado José Mario Pereira. Na verdade, funcionava como seu braço direito. Em nossa ausência, quando tomava sua refeição da manhã, deixava encantados os nossos empregados, com eles conversando e indagando sobre a família de cada um. Todos o adoravam pela fantástica simplicidade que o marcava em todos os momentos. A penúltima vez que com ele convivemos foi no Natal de 89. Logo nos primeiros meses de 90 foi tocado pela doença que nos iria roubá-lo. E, ao final do ano, Marion e eu fomos visitá-lo. Sabíamos que ele estava vivendo seus últimos dias. O encontro que mantive com ele foi terrivelmente difícil para nós dois. Ele pedindo constantemente que Hilda lhe aplicasse a droga contra as dores terríveis que o atacavam, eu sofrendo ao vê-lo, no auge de sua vida intelectual, muito próximo do fim, e sem nada ao meu alcance para restituí-lo à vida. Lembrei-me, nessa ocasião, do dia em que lhe perguntara quantas horas ele estudava por dia, e ele respondera que não media por horas, mas sim por páginas. Confessou-me, então, que estudava normalmente cem páginas por dia.

Mesmo por volta de seus nove anos, sua dedicação à leitura era impressionante. Um episódio me foi relatado por Danilo – e esse episódio merece que seja aqui lembrado. Jogava-se a partida final da Copa Mundial de 1950, no Maracanã. Toda a família de Merquior foi para o estádio assistir ao jogo. Derrotada a Seleção Brasileira, todos dirigiram-se para casa, relativamente próxima do estádio, numa profunda desolação. E lá encontraram José Guilherme exultante de alegria por ter concluído a leitura dos poemas de Gonçalves Dias. A ele a partida de futebol não interessava. A essa altura estava, apenas, com nove anos.

Um episódio que muito me comoveu ocorreu quando da missa mandada celebrar no Mosteiro de São Bento, após o seu desaparecimento. Lá encontrei-me com Danilo, seu pai. Ao término da missa procurei Danilo e o encontrei já se retirando do Mosteiro. Falei-lhe da necessidade de ocupar seu posto, na sua condição de pai, para efeito de receber as condolências dos amigos e admiradores de José Guilherme. Foi nesse momento que, no mais extraordinário exemplo de despojamento, virou-se para mim e disse: – Penna, eu fui apenas o pai biológico do José Guilherme. Vai você que afinal foi o verdadeiro pai espiritual que ele teve. – Confesso que me emocionei profundamente – como agora ao lembrar esse gesto – e nunca o admirei como naquele instante. Na verdade, certamente foi o momento de maior despojamento que assumiu ao longo de sua vida e por mim testemunhado. Jamais conheci outro igual.



Esta, meus caríssimos Amigos e ilustres Acadêmicos, e todos os admiradores de José Guilherme Merquior aqui presentes, a imagem que dele foi por mim assimilada, ao longo de toda a minha extremamente gratificante convivência com ele, que, por certo, foi o mais

brilhante aluno com quem convivi em minha longa vida de professor, profissão que, não tenho a menor dúvida, retomaria se a juventude me fosse devolvida.

Não encerrarei, todavia, a minha participação nesta homenagem sem relatar um episódio que permitirá que todos conheçam o feito de “menino travesso” que lhe foi bem peculiar. Merquior sempre se revelou brilhante em suas conferências. Sempre muito eruditas, não eram fáceis de serem seguidas senão pelos que as acompanhavam com muita atenção e com bom embasamento cultural. Lembro-me de que, em certa ocasião, aproveitando uma de suas passagens pelo Rio, convidei-o para fazer uma conferência para os alunos e alguns professores dos programas de pós-graduação em Psicologia que eu coordenava na Fundação Getúlio Vargas. Claro que ele aceitou. Sua conferência, como sempre, foi extremamente rica. No final, pôs-se à disposição dos presentes que desejassem formular perguntas sobre o tema exposto. Logo um dos que tinham acompanhado a conferência com muita atenção pediu a palavra e propôs uma questão, de tal modo confusa que todos os que a ouviram ficaram tomados de extrema perplexidade. Na verdade, ninguém tinha entendido nada do que fora questionado. Pois, surpreendentemente, Merquior respondeu. Respondeu, todavia, de tal maneira confusa que também ninguém entendeu nada, com exceção do autor da pergunta. Este, com um sorriso de extrema alegria, agradeceu muito a explicação dada, achando-a precisa e brilhante. Foi nesse instante que Merquior, olhando em minha direção, deu uma boa risada.

Penso que posso encerrar agora a minha participação, na medida em que, por último, me permiti pôr em relevo um dos traços mais interessantes dentre tantos que o caracterizaram e que, por certo, permitirá que todos se sintam um pouco menos tristes neste final de minha participação. Muito grato pela atenção que me concederam.

ACADÊMICO SERGIO PAULO ROUANET

Não sei como dizer o quanto estou contente, emocionado, pelo que tem sido esta reunião. É uma reunião afetiva e ao mesmo tempo um encontro intelectual. Esses dois lados correspondem ao que era Merquior, ao mesmo tempo um ser humano extraordinariamente caloroso e o cérebro mais brilhante do seu tempo. Por isso nossa mesa-redonda é uma dupla festa. Por um lado é uma festa familiar, porque curiosamente somos todos uma família. Já repararam isso? Daquele lado tem a família natural de José Guilherme Merquior, a mulher, o filho. E aqui, nesta mesa, temos todos, de alguma maneira, também uma certa relação de parentesco, ou afetivo ou adotivo, com José Guilherme. Há um pai adotivo, Antonio Gomes Penna, há irmãos – o Eduardo Portella, o Leandro Konder, eu mesmo – e há um filho adotivo, que poderia ser o José Mario, com seus quarenta e poucos anos. Então, realmente é uma festa familiar, nesse sentido bastante próximo, íntimo, afetivo. E, ao mesmo tempo, é uma festa para o espírito, dada a qualidade intelectual de pessoas como Penna, Eduardo Portella,

Embaixador do Brasil em vários países; cientista político e ensaísta, autor de *O homem e o discurso* – *Arqueologia de Michel Foucault* (com José Guilherme Merquior), *Teoria crítica e psicanálise*, *Mal-estar na modernidade*, *A razão nômade*, e outros ensaios. Foi o coordenador desta mesa-redonda.

Leandro, José Mario. Essa dualidade facilita minha exposição: organizarei minha palestra em torno dos dois aspectos, o pessoal e o intelectual.

Quanto ao aspecto pessoal, ouvi depoimentos tão importantes, tão interessantes. Tenho a impressão de que a tônica foi o lado humano de Merquior, de modo que eu me sinto até constrangido com a idéia de falar sobre temas teóricos, sobre idéias, porque de fato todos nós gostávamos tanto de José Guilherme, humanamente ele nos faz tanta falta. Por isso me sinto um pouco tentado a seguir a linha geral de depoimentos pessoais e falar sobre o meu relacionamento com José Guilherme, uma pessoa que eu admirava à distância.

Eu estava nos Estados Unidos quando José Guilherme começou a publicar artigos no suplemento literário do *Jornal do Brasil*, na ocasião dirigido pelo Reynaldo Jardim. Escrevia coisas sapientíssimas, que eu achava que deviam ser de um sujeito pelo menos da minha idade – eu estaria no final dos meus vinte anos. Cheguei ao Brasil, numa viagem de férias, sabia que o José Guilherme trabalhava na Divisão Consular do antigo Itamarati, com sede no Rio de Janeiro. Então fui à Divisão Consular e disse: – O Cônsul José Guilherme está aí? – De repente apareceu uma pessoa que eu achei que era o filho de Merquior. Então perguntei: – O seu pai por acaso está aí? – E ele disse: – Eu sou o Merquior.

A partir desse momento nasceu uma amizade, absolutamente não perturbada por nada, inclusive não perturbada pelos nossos frequentes desacordos. Polemizamos um pouco, amistosamente, em torno de Foucault. E aconteceu essa coisa terrível para meu ego. Passados

muitos anos, quanto mais eu penso na nossa polêmica, mais se fortalece a convicção desagradabilíssima de que eu estava completamente errado e que José Guilherme estava inteiramente certo nas opiniões sobre Foucault.

Realmente, para me preparar para nossa mesa-redonda, fui reler um pouco o que nós escrevemos sobre Foucault e cheguei à conclusão de que hoje em dia eu concordaria em quase tudo com Merquior. Na época, a questão era saber em que medida Foucault poderia ser considerado um filósofo irracionalista, na linha de Nietzsche, de Heidegger, de Derrida, de Deleuze, do chamado pós-estruturalismo francês. Eu contestava essa designação de Foucault como filósofo irracionalista. Eu dizia, ao contrário, que Foucault era um filósofo iluminista, só que de um Iluminismo bastante especial. Uma das características do Iluminismo é a de crítica permanente. Como Foucault é permanentemente crítico, *ergo*, Foucault deve ser considerado um filósofo iluminista. E Merquior, com toda razão, achou de um simplismo absolutamente assustador esse tipo de equação de pensamento crítico com o Iluminismo. Hoje nós sabemos que existem várias críticas, que existem críticas niilistas e críticas construtivas, que existem críticas de direita e críticas de esquerda. E certamente o tipo de crítica feito por Foucault não poderia ser considerada uma crítica iluminista, nesse sentido de fé na razão, no progresso, na liberação, uma crítica emancipatória.

Entre os últimos artigos que escrevi no curso dessa polêmica, há um com um fecho de ouro de que eu me orgulhava muito. Era uma citação de Ernst Bloch, em que ele dizia que o marxismo tem duas correntes: uma corrente quente e uma corrente fria. A corrente quente é dedicada ao desvendamento dos possíveis embutidos no presen-

te, aquele marxismo que tenta desprender virtualidades emancipatórias contidas na realidade repressiva, ao passo que a corrente fria era aquela corrente glacial, objetiva, mas que presta a função necessária de desmistificar as ilusões e de tentar, sobre os destroços de ilusões destruídas, construir caminhos que levem a Humanidade à sua utopia. Eu achava que tinha terminado de uma maneira fulgurante essa minha contribuição.

Para meu desapontamento, a resposta de José Guilherme foi devastadora. Depois de me ter demolido, com bastante competência, durante vários parágrafos, ele termina com esse “gran finale”: “Quanto a essa questão de corrente fria do marxismo e corrente quente do marxismo, eu sempre achei que isso era um marxismo de torneira.” Eu tinha me esquecido desta frase. Eu esqueci porque o meu ego não ficou exatamente afagado com esse ataque de José Guilherme. Mas agora li e reli muito, e achei que ele tinha razão. Realmente, essa conversa de corrente fria e de corrente quente é “marxismo de torneira”. Eu gostaria de poder dizer isso a ele, mas sua ausência torna a comunicação impossível. Mas José Guilherme era um polemista tão incorrigível, que talvez, só para continuar a polêmica, ele mudasse de posição quanto a essa versão, digamos assim, hidráulica, do marxismo.

Leandro Konder falou muito, de maneira bastante comovida, sobre o nosso amigo comum. Acho que foi José Guilherme que nos aproximou. Eu conhecia José Guilherme antes de conhecer Leandro, mas depois que nos conhecemos, Leandro e eu, ficamos amicíssimos os três. E como disse Leandro Konder, as circunstâncias de nossas respectivas biografias impediam que nos encontrássemos com a frequência que nós desejaríamos. Encontrávamo-nos esporadicamente,

e sempre, quando nos encontrávamos os três, era realmente um encontro extraordinário, regado a uísque, sim, talvez, mas mais frequentemente com vinho francês.

Lembro-me de que, antes mesmo de eu conhecer o Leandro, José Guilherme já falava muito dele. Quando houve o golpe militar de 64, eu e José Guilherme estávamos preocupados com o que pudesse nos acontecer no Itamarati: comissões de inquérito, expurgos, etc. Lembro-me de uma conversa que tivemos na casa de Renato Archer. Eu disse a José Guilherme: – Você não conhece alguém que possa te ajudar? Você conhece tanta gente, tem uma facilidade comunicativa tão grande, você é tão gregário. Certamente você conhece muita gente de esquerda, mas deve conhecer também muita gente conservadora, que nesse momento pode ser extremamente útil. – Ele, então, respondeu assim: – Você sabe que o meu azar é este. Um dos hábitos das famílias brasileiras, das famílias grandes, tradicionais, é que uma ala é conservadora e a outra é uma ala de esquerda. Pois eu só conheço a ala de esquerda dessas famílias conservadoras. – Então eu perguntei: – Que família, por exemplo? – E ele: – Por exemplo, a família Konder. Eu gostaria de conhecer o Konder Reis (que depois veio a ser governador de Santa Catarina pela Arena). Em vez disso, eu sou amigo do Leandro Konder. Veja você o meu azar.

Merquior se deliciava contando histórias sobre Leandro, das quais ele talvez nem se lembre mais. Quando Leandro publicou o seu livro chamado *Marxismo e alienação*, foi vendido na Civilização Brasileira na época em que o Ênio Silveira estava tendo dificuldades porque as autoridades do governo militar sistematicamente confiscavam livros das livrarias suspeitas de terem tendências subversivas, e com isso as privava da sua mercadoria. Era uma maneira

de empobrecer e, portanto, de liquidar economicamente as livrarias que não contassem com as boas graças do regime militar. Todo dia, ou várias vezes por semana, chegava um major na livraria Civilização Brasileira, acompanhado de um cabo com um saco, e o major dizia-lhe assim: – Leva este – por exemplo *O vermelho e o negro*, de um comunista com o codinome de Stendhal. Ou então outro livro subversivo chamado *Do Expressionismo ao Cubismo*, que com seu infalível instinto político o major percebia ser um livro sobre Cuba. E assim por diante. Então, esses livros eram sistematicamente confiscados, colocados no saco, e o cabo sempre perguntando: – E este, major? – De repente chega no livro de Leandro, *Marxismo e alienação*. O major o folheia, folheia, e o cabo pergunta assim: – A gente leva este? – Então o major diz: – Este não precisa. É revisionista.

Ouvi também de Merquior uma história que Leandro lhe contara sobre uma reunião num comitê regional do Partido Comunista. De repente houve um apagão. Já existiam essas coisas naquela época. Quando se restabeleceu a luz, um dos companheiros presentes apalpou o paletó e disse assim: – Bateram a minha carteira. Foi aquele constrangimento terrível, todos aqueles companheiros de idéias e de militância se entreolhando, perplexos. Como era possível que pessoas tão dedicadas ao progresso da Humanidade tivessem feito uma coisa dessas? Então o dirigente disse: – Isso que aconteceu foi uma fraqueza humana. Todos nós estamos sujeitos a elas. Provavelmente o companheiro está com um problema, um filho doente talvez. Vamos fazer o seguinte: vamos apagar de novo as luzes, aí o companheiro restituirá a carteira roubada e vamos esquecer esse episódio desagradável. Mas eu não me lembro do desfecho, Leandro. Foi devolvida a carteira? (Leandro Konder responde que sim.)

Fui iniciado em Gramsci por José Guilherme, mas foi Leandro que iniciou José Guilherme no filósofo italiano. Ao me explicar a importância de Gramsci, José Guilherme, rindo muito, disse: “Este meu amigo (Leandro) tem uma frase assim: é preciso gramscianizar o Brasil. Evidentemente o que ele quis dizer com isso é que é preciso gramscianizar o Comitê Central.” Em consequência dessa conversa, passei a ler Gramsci sistematicamente. Escrevi mesmo um livro sobre ele, publicado por Eduardo Portella. Não sei se Leandro continua achando que é preciso gramscianizar o Brasil. Mas por ocasião de uma nova edição das Obras Completas de Gramsci, ele deu entrevistas e escreveu artigos salientando a atualidade do autor dos *CADERNOS DO CÁRCERE*.

Com relação a alguns episódios do meu convívio intelectual com José Guilherme, já me referi à nossa polêmica sobre Foucault. Mas isso foi muito depois da entrevista que nós dois fizemos com o filósofo de *Les mots et les choses*. A entrevista foi idéia de Eduardo Portella. Ele nos tinha feito uma encomenda específica, que procurássemos Foucault e realizássemos uma entrevista para ser publicada na revista *Tempo Brasileiro*. Lembro-me perfeitamente que eu estava nervosíssimo, o meu francês bastante inseguro, e o francês de José Guilherme, absolutamente impecável. Ele e Foucault falaram o tempo todo, disse as coisas mais brilhantes e mais impressionantes, enquanto eu balbuciei meia dúzia de coisas ininteligíveis. Mas, depois, como coube a mim a tarefa de *editing*, eu arrumei tudo de uma maneira tão tendenciosa que dei a impressão de que as minhas perguntas tinham sido tão inteligentes quanto as de José Guilherme. Foi uma falsificação, porque as únicas coisas inteligentes da entrevista foram as ditas por Foucault e por José Guilherme Merquior.

Quanto ao aspecto intelectual, antes de saber o rumo mais afetivo que nossa conversa tomaria, eu tinha preparado algumas coisas a dizer sobre as principais idéias de José Guilherme Merquior. Vou dizê-las, embora de maneira extremamente simplificada, baseado em parte num artigo que publiquei há cerca de um mês, no suplemento “Mais” da *Folha de S. Paulo*.

Nesse artigo me refiro a uma passagem de *As idéias e as formas*, em que José Guilherme se pergunta: “É possível atacar o marxismo, a psicanálise e a arte de vanguarda sem ser reacionário em política, ciências humanas e estética?”

A resposta de Merquior é evidentemente afirmativa, dizendo que o pensamento dele era estruturado por uma reflexão, primeiro, sobre a política, segundo, sobre o homem, e terceiro, sobre a arte. Nessa reflexão o autor tomava partido pelo progresso e pela modernidade, e nessa tomada de partido ele rejeitava o marxismo, o freudismo e o formalismo estético. Ele conduzia, portanto, uma tríplice polêmica: um ataque dirigido ao marxismo e apontando como solução o liberalismo; outro dirigido à psicanálise e apontando como solução uma psicologia mais “científica”; e outro dirigido aos vanguardismos formalistas, aos modismos “galo-estruturalistas”, como dizia Merquior, referindo-se à poética contemporânea que partia de Mallarmé e que chegava a Barthes e outros papas da nova estética européia. O que Merquior tentou fazer foi sustentar essa tríplice polêmica em nome de uma visão progressista, não engessada por uma rigidez ideológica qualquer, e não no sentido reacionário, a serviço do tradicionalismo.

Primeiro, o antimarxismo de Merquior não era isento de um grande respeito intelectual pelo próprio Marx. Era do chamado marxismo ocidental que ele não gostava. Apesar de ter se encantado,

na juventude, por autores como Walter Benjamin e os adeptos da Escola de Frankfurt – Adorno, Horkheimer e Marcuse – à medida que ia amadurecendo ele ia se distanciando cada vez mais dessa corrente de pensamento. O marxismo clássico pelo menos tinha o mérito de ter respeitado o progresso, a ciência e a razão, ao passo que o marxismo ocidental procurava, ao contrário, desacreditar a razão, demolir a ciência e substituir a crítica da cultura marxista clássica, que de alguma maneira estava atrelada a uma certa visão de futuro, por uma crítica obscurantista, irracionalista, cuja função era desmoralizar a ciência e desacreditar a razão. Isto Merquior não suportava. Ele achava, portanto, que o marxismo ocidental não era outra coisa senão um capítulo dessa longa e interminável patologia da razão ocidental, chamada irracionalismo.

O antídoto para esse desastre seria o liberalismo. Mas é preciso entender que o liberalismo de José Guilherme Merquior não era o liberalismo dos neoliberais, era o liberalismo clássico, o liberalismo do século XIX. Portanto, não era sinônimo de economia de mercado. Merquior achava que a economia de mercado era necessária, mas sabia que o verdadeiro liberalismo tinha um componente político, o respeito à democracia e aos direitos humanos, e que seria uma falsificação do liberalismo reduzi-lo à defesa da economia de mercado, como aconteceu no Chile de Pinochet e no Brasil do tempo da ditadura militar. A visão do liberalismo de Merquior era completamente diferente. Seu liberalismo era inseparável de uma visão de igualdade e de justiça social. Ele achava que o liberalismo não podia se reduzir à liberdade, mas deveria também incluir um componente igualitário. Esta é uma idéia que se encontra também em Celso Lafer, que diz: “Se hoje a linguagem do neoliberalismo é o liberalismo

da economia de mercado, o liberalismo a isso não se reduz.” Ele afirma isso comentando o livro de José Guilherme Merquior sobre o liberalismo.

Segundo, Merquior era um adversário ferrenho da psicanálise, e também nisso nós tínhamos posições diferentes. Seu antifreudismo partia de uma defesa intransigente da Razão e do Iluminismo. Ele achava que o freudismo de alguma maneira era solidário de uma visão irracionalista, que ele e eu combatíamos. Só que para mim o freudismo não era um irracionalismo, mas o contrário, porque era um herdeiro direto do pensamento iluminista do século XVIII. Merquior achava que o freudismo tentava colocar em questão o primado da inteligência, a conquista mais alta da Razão ocidental. A Razão para ele era o mais alto atributo do homem. Ela podia e devia ser usada para varrer a noite, como faz Sarastro na *Flauta mágica*, e não é ela própria vulnerável às investidas da obscuridade. A idéia de uma razão possessa, que, parecendo lúcida, está a serviço do delírio, era profundamente alheia a Merquior. Por isso ele evitava usar o conceito marxista de ideologia, falsa razão a serviço do poder, e rejeitava com todas as suas forças o conceito de racionalização, pela qual o sujeito mente sem saber que está mentindo. A grandeza e a dignidade do homem estão em sua consciência, e a hipótese de que grande parte da vida psíquica do indivíduo se desse no inconsciente era, para Merquior, um escândalo intolerável. Era isto que estava na raiz do seu visceral antifreudismo.

Não vou me referir às respostas para isso, inclusive porque a minha reação a essa argumentação já foi antecipada pelo José Mario Pereira, mas limito-me a dizer que foi justamente por fidelidade ao ideal iluminista da razão que Freud tentou ajudar o homem a chegar à maturidade intelectual, no sentido de Kant, a superar seu in-

fantilismo, que o submete a tutelas heterônomas, e que é a esse *telos*, o *telos* da conquista da razão, que tende todo o projeto freudiano: *Wo es war, soll ich werden*, onde havia o irracional, que passe a prevalecer o racional.

O terceiro bloco dessa ofensiva dirigida por Merquior contra os inimigos do espírito, os inimigos da Razão, seria o formalismo estético. Diz ele: “A vanguarda é uma forma extrema de arte pela arte, e nisso é herdeira do Romantismo. Mas ao passo que românticos como Shelley, Lamartine e Hugo acreditavam no progresso, os modernistas são socialmente reacionários. É o caso de Yeats, Eliot e Pound.” Merquior parte do paradoxo de que o Modernismo é na verdade antimoderno. O Modernismo está num pólo e a Modernidade está no outro pólo, as características do Modernismo estético estão numa relação antitética com a Modernidade. É um movimento que, chamando-se embora modernista, está numa relação antagonica com a Modernidade. É dessa relação antinômica de Modernismo e Modernidade que Merquior parte para montar seu libelo contra as vanguardas formalistas e, por extensão, contra os intelectuais fabricantes de modismos estéticos. “O que esses profetas do Apocalipse desejam é exercer a ditadura das idéias, uma grafocracia antimoderna da qual a seita vanguardista é a manifestação mais acabada.”

A unidade da obra de Merquior, uma vez feitas essas pinceladas extremamente velozes sobre os três grandes blocos da sua crítica, aparece agora com muita clareza. Cada um dos três blocos temáticos é um grande *plaidoyer* a favor da Razão e da Modernidade: o marxismo é retrógrado, porque tenta destruir o mundo moderno por uma utopia do século XIX, e é anti-racional, porque se ossificou num dogma; o freudismo é retrógrado porque deslegitima a

sociedade moderna, dizendo que ela se funda na repressão, e é anti-razional, porque sabota o primado da vida consciente; o vanguardismo estético, o crítico e o filosófico são retrógrados, porque contestam a Modernidade industrial e científica, e anti-razionais porque colocam a sensibilidade, a paixão e a intuição num plano superior à inteligência.

A título de conclusão, poderíamos fazer o que os escolásticos chamavam *experimentum mentis* – uma experiência mental. Como veria ele, se estivesse vivo hoje, a paisagem cultural contemporânea? A resposta parece fácil. Seus três “inimigos” estão derrotados. A História sepultou o marxismo. A Ciência refutou a psicanálise. E o pós-Modernismo decretou o fim das vanguardas estéticas. *La guerre est finie*. A guerra terminou e Merquior está no campo dos vencedores. Ele estaria feliz se ressuscitasse. Ou não estaria? Talvez não.

O que ele não aceitava no marxismo era o dogmatismo. Mas não é o liberalismo, agora, que é dogmático, com a sua afirmação arrogante de que não há mais alternativas ao capitalismo global? O que ele detestava na psicanálise era a sua pretensão de ver em toda a parte conflitos infantis inconscientes. Mas estaria ele disposto a aceitar o biologismo contemporâneo, que substituiu o determinismo psíquico pelo determinismo do genoma, e que em vez de atribuir a genialidade de Leonardo da Vinci a uma experiência de infância prefere atribuí-la a uma proteína? Merquior se distanciava das vanguardas, mas não sentiria saudades delas se viesse a se defrontar, hoje, com a literatura pós-colonial, ou com a *écriture* feminina? (De passagem, note-se que José Guilherme detestava a palavra “escritura”. Ele achava que essa tradução suburbana da *écriture* francesa por escritura é uma maneira de transformar as faculdades

de Letras, no Brasil, em cartórios. É uma linguagem notarial. Ele nunca conseguiu entender por que *écriture* não podia ser traduzida por escrita.) Estaria ele feliz com as intermináveis “desconstruções” empreendidas pelos Departamentos de Inglês das universidades americanas, com os *cultural studies* que destronam os cânones hegemônicos apenas para colocar em seu lugar um enxame de mediocridades politicamente corretas? Acho que não. Merquior não se arrependeria, hoje, de ter criticado o marxismo, a psicanálise e a vanguarda. Não defenderia hoje, de uma maneira incondicional, nem Marx, nem Freud e nem Joyce. Mas, graças à sua verve, à sua cultura e à sua combatividade, teria contribuído para que não sentíssemos tanta falta desses três grandes artífices daquela modernidade que ele tanto admirava.

É essa falta que todos nós sentimos. Acho que esta mesa-redonda foi muito importante, porque teve o mérito de nos trazer para uma discussão em torno desses temas e, de alguma maneira, para conversar postumamente com Merquior, que com certeza deve estar pairando nesta sala, impaciente por não poder polemizar conosco, discordando de tudo o que foi dito aqui.

José Guilherme Merquior
em Londres, 1989.



PROFESSOR LEANDRO KONDER

Gostaria de começar por agradecer à presidência da Casa o convite para eu participar desta homenagem a José Guilherme Merquior. Por motivo de saúde tenho essa dificuldade de locomoção atualmente, o que passa a ser também uma arma de preguiça de sair de casa, mas senti que, desta vez, eu tinha que vir para prestar a minha homenagem a um amigo ausente.

Vou fazer um depoimento curto, na linha do que o Professor Penna fez, lembrando alguns aspectos que têm essa característica importantíssima da personalidade de José Guilherme, que era o humor. Vou começar por contar como eu o conheci. Foi num festival de cinema russo e soviético. Eu estava sentado aguardando o início de um filme – o festival para variar estava mal organizado – e na fila da frente tinha um grupo no qual se destacava um rapaz jovem, muito jovem, que dizia coisas engraçadíssimas. O grupo não estava ligado nele. Tinha um sujeito na fila detrás, que era eu, que ria das coisas que ele dizia. Então ele acabou espontaneamente se voltando e falando para mim. A certa altura alguém comentou qualquer coisa, de um

Professor de Filosofia da UFRJ e da PUC-RJ; tem 23 livros publicados, sendo os mais recentes: *O sofrimento do homem "burguês"*, *A morte de Rimbaud*, *O futuro da filosofia práxis*.

crítico deficiente, mal aparelhado, que escrevera alguma tolice. Ele comentou alguma coisa e eu disse: – José Guilherme Merquior escreveu um artigo muito engraçado. – Ele disse: – Sou eu. Sou José Guilherme Merquior. – Então, a partir daí nos tornamos amigos. Ambos abominávamos a mesma burrice dita por esse crítico.

Nesse período eu tinha lido muita coisa de Lukács, estava muito entusiasmado, e ele estava num movimento de aproximação, de interesse pela obra de Lukács. Então, acho que foi o único período de minha vida em que fiz sugestões de leitura a José Guilherme Merquior, indicando livros que ele não tinha lido. A partir daí, todas as vezes que eu falava num livro, ele já o tinha lido.

Nessa ocasião fiquei muito impressionado com a erudição dele. Ele escrevia artigos de crítica de poesia, onde era imbatível. Escreveu sobre um poeta da Geração de 45 dizendo que ele pretendia ser um canto de cisne dessa geração, mas na verdade era um “canto de marreco” da Geração de 45. Era uma das muitas maldades brilhantes que ele fez. Então eu lhe disse: – Você tem que dar um curso de Estética. E o lugar disponível era o ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros, que funcionava em Botafogo. Depois, em 1964, foi devidamente fechado. Abriram um IPM e eu fui chamado para depor. Uma das coisas que eu tinha que explicar era a seguinte: “Que história é essa, tem um curso de Estética aqui, e o senhor aparece dando uma aula sobre Estética marxista?”

José Guilherme, na época, deu o curso de Estética, em quatro aulas, e daria uma quinta aula, que seria sobre Estética marxista. Ele então disse: – Esta dá você. – Ele estava se sentindo um pouco inseguro de dominar aquela área, mas depois ele se aprofundou nela.

Dei essa aula e o coronel responsável pelo IPM me perguntou: – O que é que o senhor falou aqui? O que o marxismo tem a ver com Estética?

Então eu disse: – Realmente, não tem muito a ver. – Eu fazia concessões, o clima não era muito favorável a se dizer tudo. Mais tarde,

contei essa história ao José Guilherme, rimos muito. Ele teve problemas também. Era muito curioso vê-lo, de repente, acusado de comunista, porque ele não era comunista, nunca foi. Mas, de repente, esse interesse dele pelas idéias de Marx e por alguns autores marxistas — aí tenho até uma dúvida, não sei se concordo inteiramente com a abordagem feita aqui pelo meu querido José Mario Pereira, quanto à relação de José Guilherme com o marxismo. É claro que ele se afastou do marxismo, que assumiu uma postura mais crítica, mas ao mesmo tempo é sintomático que ele volte a ler autores marxistas. No último livro publicado em vida dele, uma antologia que saiu pela Nova Fronteira, a última citação, na última página, é de um autor marxista, que é Antonio Gramsci. Ele não renegava as leituras que fez e que refaz ao longo de seu percurso intelectual, inclusive dos autores marxistas. Então, não é um puro e simples afastamento, que é real, mas que é relativizado também por essa retomada de algumas leituras provenientes dessa área.

A nossa relação tem uma longa história. Não tivemos um convívio constante, infelizmente, mas tivemos encontros e conversas. Tínhamos uma amizade cosmopolita, porque nos encontrávamos na Itália, em Munique, em Bonn, em Paris, em Londres. A última vez que nos encontramos foi em Munique. Havia nele sempre aquela efervescência natural, verdadeira. Depois de 64, ele estava se afastando da linha lukacsiana, depois de ter publicado o livro *Contradições da modernidade*. Mas dois dos ensaios de *Razão do poema*, o “Crítica à razão e à lírica” e um outro, são marcadamente lukacsianos, embora ele já fosse lévi-straussiano, estava nessa busca de caminhos. Ele encontrou um desaguadouro natural na perspectiva liberal, como ele próprio explicita em seus últimos anos de vida, que o ajudou a organizar as idéias com uma coerência, uma consistência mais densa.

A busca o deixava muito propenso a saudáveis aventuras espirituais, mas ao mesmo tempo dificultava a leitura do que ele escrevia, na

medida em que havia essas mudanças de perspectiva, com reflexo na avaliação crítica que ele fazia de determinadas idéias e de determinados autores. Eu mesmo tinha dificuldade de acompanhar isso, mas acompanhava e percebia que a cada aventura correspondia um enfoque novo, instigante, desafiador. Isso me fascinava muito. Frequentemente fui interpelado, naquele clima patrulheiro que nós conhecemos. Diziam: – Você é amigo desse cara?! É um direitista! – Eu dizia: – Não sei se é um direitista ou não. Sei que é um crítico extraordinário e eu aprendo muito com ele. Aprendo mais do que com autores com os quais eu concordo.

É verdade, às vezes há autores com os quais se concorda e não se aprende absolutamente nada. E autores dos quais se discorda e com eles aprendemos coisas importantes. Então, isso me facilitou muito a relação com José Guilherme. Além do fato de que, realmente, eu curtia muito o seu senso de humor. Lembro-me de que tive minha última crise de leninismo agudo numa ocasião em que estávamos em Bonn, eu era um exilado de sobrevivência dificultosa, com falta de dinheiro, e José Guilherme estava lá, na Embaixada, e me convidava generosamente para comer a comida da D. Hilda, que era uma coisa extraordinária. Eu ia e, para mostrar que não me deixava corromper, comia a comida da D. Hilda, bebia o uísque escocês do Dr. José Guilherme e continuava fazendo meu discurso radical. Uma vez estava o Fernando Pedreira de passagem por lá. José Guilherme disse-me: – Vem cá. O Fernando Pedreira tem um papo muito divertido, interessante. – Fui para lá jantar e tive essa crise de leninismo agudo, quando percebi que os dois começaram a falar da importância de Marx. Aí pensei: estão roubando o meu tema. E disse: – Vocês livram a cara de Marx porque ele é um filósofo, vocês o leram e o conhecem bem. E Lênin, que destruiu a classe de vocês, o revolucionário que fez a revolução? – Aí José Guilherme não se scandalizou absolutamente. A cada vez que eu esvaziava o meu copo, ele o enchia

galantemente, e me deixou tomar o meu pileque leninista sem nenhum constrangimento.

Posteriormente tivemos algumas ocasiões de trocar idéias, através de cartas e de telefonemas. Foi muito duro ver o período final, cortando uma trajetória que ainda tinha muito para oferecer, cortando um movimento que era extremamente importante, precioso, para a cultura brasileira, que levou-o a fazer a obra que fez, que está aí para nos consolar, mas que nos consola parcialmente, na medida em que ficamos sem o homem, sem o amigo. Aí não há como evitar um sentimento, essa emoção que se expressou na fala do Professor Penna e que nós todos sentimos aqui quando lembramos dele, como ele foi pessoalmente.

Recentemente, quando o Pedro Merquior esteve me entrevistando para um documentário, também me emocionei muito, porque trata-se do interlocutor precioso que ele foi para todos nós, para cada um a seu modo, para cada um de uma maneira especial, e que nos falta hoje, dolorosamente. É o que eu queria dizer.